

# ALFABETIZAÇÃO: A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM COM O IMPACTO DA PANDEMIA

Alessandra Dybas<sup>1</sup>

Heloísa de Fátima Lorbiete Nogueira<sup>2</sup>

Prof<sup>a</sup> orientadora Giullia P. Rinaldi<sup>3</sup>

Prof<sup>a</sup> orientadora Sonia R. Mincov de Almeida<sup>4</sup>

## RESUMO

Atualmente, pode-se considerar a alfabetização e o letramento essenciais na vida dos cidadãos. Sabe-se que estes processos têm início muito antes das crianças entrarem na escola e, certamente, são impactados por diversos fatores, entre eles, a afetividade merece destaque, por ser um elemento influenciador que determina a qualidade do ensino e também o interesse do aluno em determinado conteúdo, assunto ou área de conhecimento. Com base nisto, este artigo visa investigar a afetividade na relação entre professor e estudante no processo de alfabetização e letramento com estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, inclusive no período pandêmico. A presente pesquisa inicia-se com o percurso histórico da alfabetização, em seguida, conceitua-se alfabetização e letramento, destaca a importância da afetividade e seu impacto na relação professor e aluno, por meio de uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e definição bibliográfica. Espera-se compreender os principais impactos da afetividade na relação professor e estudante no processo de ensino e aprendizagem, e demonstrar as principais dificuldades vivenciadas na prática docente.

**Palavras-chave:** Afetividade. Alfabetização e Letramento. Aluno. Professor.

<sup>1</sup> Aluna graduada em Ciências Contábeis e aluna do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* aledybas@hotmail.com

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* helo.lorbiete28@gmail.com

<sup>3</sup> Professora orientadora. Doutora em Ciências da Educação e Doutora em Bioengenharia. Mestre em Tecnologia em Saúde. MBA em Gestão Pública. Psicopedagoga Clínica. Professora da disciplina de Metodologia da Pesquisa.

<sup>4</sup> Professora orientadora. Graduada em Ciências e Matemática. Mestre em Educação Matemática, Especialista Interdisciplinaridade na Escola e em Tecnologias na Educação. Professora do curso de Pedagogia. *E-mail:* sonia.almeida@bomjesus.br

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta como tema central a Alfabetização: A afetividade na relação professor e estudante e o processo de aprendizagem. A ideia para esta pesquisa surgiu durante o curso de Pedagogia, quando em sala, discutiu-se sobre os impactos da afetividade na vida dos cidadãos. Com base nisto, observa-se que no processo de alfabetização ocorre uma nítida divisão, onde crianças com facilidade na aprendizagem assimilam as ideias e avançam tranquilamente, enquanto outras apresentam e, em alguns casos, permanecem por anos com as mesmas dificuldades.

O objetivo geral deste estudo é investigar a afetividade na relação entre professor e estudante no processo de alfabetização e letramento com estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, inclusive no período pandêmico.

Os objetivos específicos são:

- a) apresentar o percurso histórico da alfabetização até a contemporaneidade;
- b) explicar a alfabetização e letramento como prática social;
- c) verificar a importância da afetividade na relação professor e estudante para a aprendizagem.

Com o propósito de responder se a afetividade na relação professor e estudante interfere no processo de alfabetização e letramento dos estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, vale ressaltar que o processo de alfabetização e letramento se inicia muito antes da criança frequentar a escola. Portanto, considera-se importante apresentar o histórico, desde o surgimento das atividades escolares mais antigas da humanidade, até os dias atuais. Para compreender como era realizada a alfabetização antes do surgimento das escolas, descobrir quando surgiu a escola, por qual motivo e quais eram suas principais responsabilidades. Destacar o papel do professor, do estudante e no que consistia a alfabetização em diversos momentos, para entender como estabeleceu-se o método de alfabetização atual e comentar sobre a função da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Em seguida, conceitua-se alfabetização e letramento, entende-se a sua relação com a oralidade, leitura e escrita, além de apresentar o papel do professor neste processo. Destaca-se a importância de conhecer seu estudante e compreender em qual fase de desenvolvimento ele está, para então conseguir mediar corretamente seu aprendizado. Ressalta-se também, a importância de partir da realidade do estudante para ensinar, ao invés de apenas considerá-lo como um corpo vazio, que deve ser preenchido de conhecimentos pelo professor, ao decorar informações, sem compreender a aplicação destas em seu cotidiano.

Entre os diversos fatores que geram impacto na alfabetização, encontra-se a afetividade. Logo, demonstra-se sua importância na vida dos indivíduos, em especial na fase escolar, mais precisamente na relação professor e estudante, onde a magia que os envolve é inexplicável e pode tornar-se determinante para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o estudante precisa envolver-se no processo, encontrar motivação e vontade de aprender e isto se dá de melhor forma quando o professor promove um espaço acolhedor dentro da sala de aula.

Estar na escola, muitas vezes é um desafio para as crianças potencializado por aprender a ler e escrever, desta forma entende-se a necessidade dos momentos de aprendizagem promoverem além do ensino também momentos de descoberta, interesses, um espaço assim traz benefícios ao professor e ao estudante, pois ambos estarão em constante troca, trazendo mais leveza ao aprendizado.

A presente pesquisa classifica-se quanto aos objetivos e procedimentos de coleta de dados como descritiva de abordagem qualitativa e natureza exploratória - bibliográfica, ou seja, inicia-se com uma revisão bibliográfica e análise documental sobre o tema (GIL, 2022). No segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores do primeiro ano de uma escola particular de Curitiba.

Dessa forma, espera-se compreender os principais impactos da afetividade na relação professor e estudante no processo de ensino e aprendizagem, e demonstrar as principais dificuldades vivenciadas na prática docente.

## **1 REVISÃO DA LITERATURA**

### **1.1 ALFABETIZAÇÃO**

#### **1.1.1 O Percurso Histórico da Alfabetização**

O sistema de escrita e as regras da alfabetização<sup>5</sup> foram criados ao mesmo tempo, pode-se afirmar, portanto, que estas são as atividades escolares mais antigas da humanidade. Ao estudar os sistemas de escrita, percebe-se que eles tendem a ser simples e práticos, sendo assim, compreende-se que ao criá-los seguiu-se uma lógica, com o objetivo de fornecer a chave da decifração juntamente com o próprio sistema de escrita (CAGLIARI, 2008).

Inicialmente na história dos povos, ao contrário do que muitos afirmam, os

---

<sup>5</sup> Entende-se como regras de alfabetização, neste caso, as regras que possibilitam ao leitor decifrar o que está escrito, compreender como funciona o sistema de escrita e, com base nisto, usá-lo de maneira adequada (CAGLIARI, 2008).

sistemas de escrita não foram privilégios de determinada classe social, considerá-los como um segredo de estado está incorreto. Isso é comprovado ao ler os textos que os faraós ordenaram que fosse escrito e publicado nas paredes e colunas, pois este destinava-se ao povo, no caso, os súditos<sup>6</sup> do monarca<sup>7</sup>. O segredo da alfabetização, nesta época, resumia-se ao trabalho de leitura e cópia (CAGLIARI, 2008).

No período do Renascimento (séculos XV e XVI), juntamente com o surgimento da imprensa criaram-se as primeiras cartilhas<sup>8</sup>, as quais apresentavam cunho religioso. Após a Revolução Francesa, surge o Ensino Mútuo, que passou a ser realizado coletivamente, em classes, e não mais individual, como era feito até então. Neste período, o aprendiz era considerado uma tábula rasa, que através da cópia e da memorização conseguiria internalizar os conhecimentos (MORAIS, 2012).

Como a experiência com as cartilhas foi desastrosa, criaram o manual do professor,<sup>9</sup> o que também não resolveu o problema. A escola procura então, ajuda dos psicólogos, que mesmo sem formação pedagógica ou linguística, aplicam testes, os quais constataram que a grande dificuldade das crianças na alfabetização, justificava-se ao fato das mesmas serem pessoas carentes de praticamente tudo, o que as impedia de aprender. Cria-se então o período preparatório, no qual as crianças resolviam exercícios de prontidão, sendo estes fazer curvinhas, bolinhas, completar figuras, entre outros (CAGLIARI, 2008).

Os testes aplicados pelos psicólogos foram mal elaborados, ao envolver linguagem não consideraram os conceitos linguísticos ou noção de variação linguística. As crianças pobres passaram a ser chamadas de carentes devido à fala ou escrita incorreta, sendo que, na realidade estes estudantes utilizavam variações linguísticas estigmatizadas pela sociedade. Logo, este período preparatório não passou de um equívoco pedagógico e psicológico, portanto, optaram por abandoná-lo. No lugar deste, os professores tornaram-se livres para aplicar atividades que realmente contribuíssem para a alfabetização, como o desenho livre (CAGLIARI, 2008).

Na década de 90, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) apresentaram um papel relevante ao configurar-se como documento normatizador da estrutura curricular do ensino brasileiro. Fundado na ideia de transmissão de conteúdos, onde a concepção de Currículo constituía-se num conjunto de matérias estabelecidas na “grade curricular”. Ao fragmentar o ensino, a distância entre o saber disciplinar e o saber escolar ficou mais nítida, ou seja, pareciam trazer uma oportunidade de superação (MENEZES; RAMOS; RODRIGUES, 2022).

Outro documento importante para a Educação Básica é a Base Nacional Comum

<sup>6</sup> “Indivíduo que se submete à vontade de outrem, devendo-lhe obediência e respeito” (SÚDITO, 2015).

<sup>7</sup> “Pessoa ou coisa que exerce certo domínio” (MONARCA, 2015).

<sup>8</sup> Pode ser compreendido como um esquema, mapa de orientação (CAGLIARI, 2008).

<sup>9</sup> Este documento apresentava o passo a passo do que o professor e o estudante devem fazer, se o estudante respondesse errado, o professor deveria ensiná-lo a responder corretamente, caso contrário a lição não daria certo (CAGLIARI, 2008).

Curricular (BNCC, BRASIL, 2018) que, por ser de caráter normativo, tem por objetivo definir o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes precisam desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

A BNCC (2018) garante a autonomia das redes e reforça a pluralidade de ideias e concepções pedagógicas, pois não impõe metodologias, ou seja, não defende um método específico. Considera a alfabetização um processo complexo e a compreende como foco da ação pedagógica. Entende que a criança deve se apropriar do funcionamento da escrita alfabética e também das práticas sociais de leitura e escrita, para isso defende que o livro didático não seja o único recurso utilizado, textos em diversos formatos e tecnologias precisam ser consideradas em sala de aula (MOVIMENTO PELA BASE, 2021).

Em 2020, o Coronavírus (Covid-19) surpreendeu o mundo ao impor isolamento social rígido (COLELLO, 2021). Portanto, todas as Instituições de Ensino adaptaram seu processo educativo, interrompendo temporariamente suas atividades presenciais e adequando-se a atendimentos remotos. Desta forma, a aprendizagem passou a depender do acompanhamento e mediação familiar (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

O ensino remoto possui algumas fragilidades, as quais interferem na aprendizagem de muitos educandos, dentre estas, destaca-se: fragilidades nas condições de acesso, falta de interação escolar e o despreparo pedagógico dos pais/responsáveis. Vale destacar que no ciclo alfabético, a situação é mais delicada devido à construção da leitura e da aquisição e apropriação da escrita, fundamentais para desenvolver as mais variadas habilidades, capacidades e competências no contexto escolar e também social (QUEIROZ; SOUSA; PAULA, 2021).

Ao retornar, a escola não é mais reconhecida pelos estudantes, pois encontra-se com segregação entre pessoas, múltiplas proibições, restrição dos trabalhos em grupo e impedimento de atividades conjuntas. Ao professor cabe realizar um cuidadoso diagnóstico para nortear o planejamento de atividades, no qual considera-se o que os estudantes sabem e o que precisam aprender (COLELLO, 2021).

Para Cagliari (2008, p. 34): “Nenhum método educacional garante bons resultados sempre e em qualquer lugar; isso só se obtém com a competência do professor”, portanto, emerge, assim, a necessidade de professores com melhor formação técnica, que pode ser suprido por uma formação inicial de qualidade.

### 1.1.2 O Conceito de Alfabetização e Letramento

Diante da compreensão que a alfabetização é um processo complexo e deve ser o foco da ação pedagógica, torna-se essencial sua definição. Entende-se como alfabetização o processo de apropriação da escrita e aquisição de habilidades motoras, nas quais inclui-se o uso dos instrumentos como lápis, caneta, borracha, entre outros. Destaca as convenções da escrita, que realiza-se de cima para baixo, da esquerda para a direita. Apresenta a organização espacial do texto na página e a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê. O conceito de escrita apresenta-se à criança antes de entrar na escola, e aos poucos ela compreende que escrever é transformar a fala em marcas, enquanto ler é converter essas marcas em fala (SOARES, 2020).

A oralidade é essencial na prática da alfabetização. A consciência do mundo forma-se ao relacionar-se com o mesmo, portanto, ao tocá-lo e transformá-lo desenvolve-se a consciência do eu. A leitura do mundo antecede a leitura da palavra, sendo assim, os alfabetizados precisam compreendê-lo, desta forma, torna-se fundamental falar a respeito dele (FREIRE; MACEDO, 2006).

A fala é adquirida naturalmente, e é considerada uma capacidade inata, ou seja, um instinto geneticamente programado, enquanto a escrita precisa ser aprendida, mas ambas se igualam na função interativa. Quando a criança se apropria do sistema da escrita alfabética, ela entende que a palavra oral é uma cadeia sonora, independentemente de seu significado, visto que é possível ser segmentada em pequenas unidades e cada uma delas é representada por formas visuais, conhecidas por letras (SOARES, 2020).

Cabe, portanto, aos educadores, estimular as possibilidades de expressão; desafiar seus estudantes a discorrer sobre o mundo; enfatizar a importância da tecnologia, a qual representa a criatividade humana, que é a verdadeira expressão da necessidade do risco (FREIRE; MACEDO, 2006).

Soares (2020) também destaca que muitas vezes a alfabetização na sala de aula apresenta algumas dificuldades, principalmente para trabalhar de forma individual. Faz-se necessário, portanto, propor atividades que toda a turma possa realizar. Sabe-se que algumas crianças avançam mais rapidamente, ou seja, “saltam” fases, algumas regridem, e outras, simultaneamente, estão em mais de uma fase, por isso, o alfabetizador precisa conhecer a criança, identificar em que fase ela está, para trabalhar de forma adequada, com o objetivo de desenvolvê-la. Segundo o autor, as fases são:

Fase 1: Destaca-se pelos rabiscos, desenhos e garatujas<sup>10</sup>. Nesta etapa as crianças pequenas desenham supondo que é uma escrita, e com as vivências do cotidiano vão percebendo que não se trata de desenhos, mas sim traços, riscos, linhas sinuosas e então escrevem imitando essas “formas”.

Fase 2: Escrita com letras, onde as crianças ainda não percebem que as letras representam sons, mas já sabem que é com elas que escrevemos, por mais que essa escrita ainda aconteça com garatujas e rabiscos, já é possível notar uma compreensão de escrita em linhas sucessivas e uma certa aproximação ao conceito de palavra.

Fase 3: Escrita Silábico-Alfabética, onde a criança já percebe que a sílaba é composta de mais de um som e consegue identificar alguns desses sons e as letras que os representam. Às vezes reconhecem som que não registram, pois não sabem como representá-los.

Fase 4: Alfabética, na qual a criança já consegue facilmente escrever textos de forma espontânea ou em atividades sugeridas, embora ainda cometa erros ao escrever, visto que, não conhece as regras da ortografia. Nesta etapa, é preciso explicar que a escrita não representa fielmente a fala, ou seja, a palavra “chave”, pronuncia-se “*chavi*”, isso pode provocar certa confusão, principalmente no início.

A alfabetização pode ser compreendida como uma simples leitura técnica e habilidade para escrita, para ganhar significado ela precisa ser situada em uma teoria de produção cultural<sup>11</sup> e encarada como parte integrante do modo pelo qual a pessoa produz, transforma e reproduz significados (FREIRE; MACEDO, 2006).

A alfabetização é um meio que compõem e afirma momentos históricos e existenciais da experiência vivenciada, produzindo, dessa forma, uma determinada cultura: subalterna ou vivida. Compreende-se, como um fenômeno eminentemente político, o qual deve ser analisado dentro do contexto de uma relação política de poder, e de uma compreensão da reprodução social e cultural (FREIRE; MACEDO, 2006).

Para Freire e Macedo (2006), a abordagem tradicional considera os corpos conscientes como vazios, entende, portanto, que existe a necessidade de serem preenchidos pela palavra do professor. Nesta visão da educação, a qual Freire (1987), nomeia como “educação bancária”, a criatividade e a transformação do saber são inexistentes. Não se desenvolve a consciência crítica e satisfaz os interesses dos opressores, visto que, não orienta a conscientização dos educandos, pois existe a proibição do pensar verdadeiro.

<sup>10</sup> Denominam-se garatujas os rabiscos realizados pelos menores (GURGEL, 2009).

<sup>11</sup> Compreende-se como produção cultural os determinados grupos de pessoas que reproduzem, realizam a mediação e confirmam os elementos ideológicos comuns, os quais originam-se nos interesses da autodeterminação coletiva e também individual (FREIRE; MACEDO, 2006).

A educação não deve compreender os homens como vazios, a quem o mundo encha de conteúdos, mas sim como corpo consciente, com uma consciência intencionada ao mundo, logo, a educação não pode depositar conteúdos, mas problematizar os homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1987).

Sabe-se que para se obter uma aprendizagem eficaz é fundamental partir da realidade do estudante para então trazê-los para a realidade em questão (FREIRE; MACEDO, 2006). Desta forma, o conteúdo programático da educação, terá como base os anseios, dúvidas e esperanças dos educandos que, ao invés de receberem depósitos, tornam-se investigadores críticos, em diálogo com seu educador, que também é um investigador crítico que estabelece uma forma autêntica de pensar e atuar (FREIRE, 1987).

Assim, o letramento compreende-se como a capacidade de usar a escrita nas práticas sociais e implica na habilidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos, sendo estes, para informar ou informar-se, interagir com outros, divertir-se, orientar-se, entre outros. Considera-se, desta forma, como a habilidade de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, ao realizar a inserção efetiva no mundo da escrita com interesse e prazer (SOARES, 2020).

Segundo Soares (2009), o letramento ainda não é uma palavra comum em dicionários, visto que, é um termo muito recente. Ela vem de uma tradução da palavra inglesa *literacy*, que é a condição de ser letrado, ou seja, alguém que domina dois tipos de conhecimentos, “ler e escrever”. Nas demandas sociais, vale ressaltar que o letramento não é alfabetização, é poder informar-se por meio da leitura, é conseguir ir a lugares distantes por meio das histórias, ou seja, usar como forma de orientação.

O letramento só ocorre quando existe uma escolarização efetiva, criando condições para que o alfabetizado seja imerso em um ambiente do mundo letrado. É possível que uma pessoa analfabeta, seja de certa forma letrada, quando faz uso da escrita/leitura em suas práticas sociais, como por exemplo pedir que alguém leia um aviso ou placa (SOARES, 2009).

As habilidades para escrever e ler desenvolvem-se simultaneamente. Na escrita a criança tem na mente a palavra que quer escrever e, na leitura ocorre ao contrário, existe uma palavra escrita que precisa ser decodificada para chegar ao seu significado. Com a apropriação do sistema alfabético e as normas básicas de ortografia, a leitura torna-se mais fácil que a escrita. Ressalta-se que ser capaz de ler e compreender o texto é o que considera uma criança não só alfabética, mas alfabetizada (SOARES, 2020).

Alfaletrar não é um método, mas sim alfabetizar e letrar em sintonia, logo, a proposta apresentada é uma ação educativa, onde o ensino está em função da aprendizagem. No ciclo de alfabetização e letramento não há espaço para a avaliação, uma vez que avaliar no sentido de valia/valor, vai contra a ação de acompanhar a aprendizagem (SOARES, 2020).



## 1.2 AFETIVIDADE

### 1.2.1 A Importância da Afetividade

Segundo Rodrigues (2019), a afetividade é vital para todos os seres humanos, devido aos vínculos e relações construídas com o outro, que proporcionam grandes elos de aprendizagem. Está relacionada com as experiências dos indivíduos nos espaços diversos, sendo estes: familiar, social ou até mesmo escolar.

Diante disso, a afetividade pode ser compreendida como a capacidade de se deixar ser afetado, o que contribui para o processo de ensino e aprendizagem, pois cria um clima de cooperação, confiança, respeito mútuo e motivação. O professor precisa “afetar” seus estudantes para despertar neles o prazer pelos conteúdos. Na fase da alfabetização eles buscam sentido, por isso a necessidade de compreender o porquê e o como, a falta dessa interação pode impossibilitar o desenvolvimento pleno da criança (BARBOSA, 2019).

O ato de aprender pode estar ligado a elementos afetivos, ou seja, por meio de relações sinceras o estudante se interessa pela aprendizagem. Quando o professor conhece a vida emocional do estudante e sabe administrar situações do cotidiano com afeto e carinho, garante-se o melhor resultado (FROZZA, 2007).

Segundo Barbosa (2019) a escola é um lugar para a construção de relações afetivas e sociais, sendo assim, não existe conhecimento que se forme sem as relações humanas. No contexto escolar olha-se para as relações professor-aluno, adulto-criança e criança-criança.

Neste mesmo pensamento, Rodrigues (2019) entende que a escola pode ser vista como um ambiente de bons relacionamentos e sucesso na aprendizagem, desde que o estudante adquira uma gama de conhecimentos que possa ser aplicado na sua vida futura. Estes precisam ser adquiridos por meio de uma mediação, atuante e prazerosa realizada pelo professor.

Para Frozza (2007) as escolas ainda têm muito a evoluir, uma vez que pouco se trabalha os aspectos humanos. Ainda é mais fácil avaliar provas do que pensar a respeito do crescimento pessoal dos estudantes.

Durante a fase escolar, a afetividade precisa fazer sentido para o professor e para o estudante, pois ambos estão em constante troca e produção de conhecimento. É importante perceber que somente o afeto atinge e mexe com o sujeito a ponto de interferir em seu aprendizado de forma direta e, esta se faz presente em todas as etapas da vida, lembrando que este não pode ser resumido somente em atos de carinho ou amor (BARBOSA, 2019).

## 1.2.2 A Afetividade na Relação Professor e Aluno

É inexplicável a magia que envolve o professor e seus estudantes, apenas quem está envolvido consegue compreender. Um simples gesto como um sorriso, um abraço ou até mesmo um olhar pode mudar a compreensão do estudante (RODRIGUES, 2019).

Frozza (2007) concorda que pequenos atos devem fazer parte do cotidiano de um professor, por exemplo: encostar no seu estudante, acariciar sua cabeça ou olhar nos olhos. Ressalta que em algumas situações isso se perde na correria do dia a dia, ou quando o professor não percebe que essas atitudes não tiram sua autoridade, mas sim transmitem segurança aos estudantes, gerando mais proximidade entre os envolvidos, visto que, um pouco de incentivo torna tudo mais leve para todos.

A interação com os estudantes, as formas de apresentação do conteúdo, atividades propostas, a relação de proximidade construída em sala e outros fatores, influenciam na construção da aprendizagem e também no interesse pelos conteúdos apresentados, logo, as ações aplicadas em sala de aula podem afastar ou aproximar o aprendiz dos conteúdos escolares (BELO; OLIVEIRA; SILVA, 2021).

O professor precisa ser criativo, repensar na sua prática para estabelecer uma relação mais estreita com seus estudantes, pois caso ele consiga, por meio do afeto mútuo, conquistar a confiança e o respeito do mesmo, torna-se-a mais fácil a apropriação do conhecimento pelo educando (RODRIGUES, 2019).

Frozza (2007) concorda e salienta que o professor precisa aceitar o estudante com todas as suas limitações e particularidades, acolhendo-o e abrindo possibilidades de convivência em sala. O contrário disto é indiferença, rejeição e o resultado é a falta de afetividade. Também Belo, Oliveira e Silva (2021), afirma que ao conhecer os estudantes, torna-se possível a criação de estratégias para solucionar problemas e aumentar a confiança deles, colaborando, desta forma, para o aprendizado de um modo geral.

É preciso interessar-se pelo seu estudante, saber sobre sua vida dentro e fora da sala de aula. Isso faz com que ele se sinta mais à vontade na presença do professor, criando assim um vínculo sólido. Não se trata de manter o estudante na base de beijos e abraços, mas sim abrir novas possibilidades de interação. Ressalta-se que nesta relação de afeto não só o estudante ganha, o professor também, pois este sente-se mais motivado no preparo de boas e criativas aulas (FROZZA, 2007).

Quanto mais o estudante gosta do seu professor e é acolhido por ele, seu interesse e disposição para aprender aumenta, logo, entende-se que a aceitação é fundamental para o crescimento de ambos. A afetividade proporciona uma ação de mudança, por isso é um sentimento que deve ser explorado com as crianças (FROZZA, 2007).

Sendo assim, o professor precisa ser o mediador, ou seja, dar possibilidades aos estudantes para que apropriem-se dos conteúdos aprendidos e possam relacioná-los com o seu cotidiano, para refletir sobre o que estão aprendendo e qual a importância disto, fazendo-os ativos e pertencentes deste processo (BARBOSA, 2019).

Em seus estudos Piaget afirma que o pensamento é uma ação cognitiva, representada pelas suas estruturas mentais, afetivas, que representam a estrutura energética conhecida por afetividade (BERNARDO, 2019). De acordo com Kochhann e Rocha (2015), Piaget entende que o desenvolvimento afetivo ocorre junto ao desenvolvimento moral, e esta depende dos interesses pessoais, ou seja, visa pelos seus próprios interesses ou deixa de agir quando percebe as possíveis punições.

Nas pesquisas realizadas por Piaget percebe-se a afetividade e cognição como indissociáveis e que o homem age de acordo com a motivação, podendo ter influências do meio que vive, onde a aprendizagem se dá pelo processo de acomodação e assimilação, e a afetividade destaca-se por impulsionar as ações mediadas pela razão (KOCHHANN; ROCHA, 2015).

Segundo a teoria de Vygotsky o ambiente no qual o indivíduo é inserido tem forte influência no seu desenvolvimento, a relação deste com o meio mediado pelos instrumentos (ferramentas físicas) e os signos (ferramentas psicológicas). Neste a linguagem se destaca, pois, tem um papel fundamental para desenvolver as funções psicológicas superiores (KOCHHANN; ROCHA, 2015).

As emoções funcionam como organizadoras de nossas reações, pois estimulam ou inibem certas ações, até mesmo no processo educativo. Desta forma, quando elaboradas as atividades de sala é preciso que estas os estimulem emocionalmente, para que exercitem mais o pensamento. Cabe ao professor trabalhar de forma mais afetiva, não sendo apenas ponte entre o estudante e o conhecimento, torna-se indispensável motivá-lo. Quando a criança aprende algo mediado por um adulto, discutindo suas ideias e formando seu próprio pensamento, aprende a ser mais afetivo (KOCHHANN; ROCHA, 2015).

Salla (2011) afirma que ao estudar a criança Wallon, coloca a inteligência como o componente principal do desenvolvimento, atrelado às três dimensões da vida psíquica, motora, afetiva e cognitiva, que atuam de forma integrada. E que o processo de evolução depende da capacidade biológica do sujeito, mas também do ambiente, pois quando o bebê nasce tem um conjunto de elementos que possibilitam a interação, mas é o meio que permite desenvolver as potencialidades.

Em sua teoria, Wallon destaca que a falta de vínculos positivos cria as barreiras para desenvolver-se a inteligência, gerando muitas vezes a baixa autoestima e acomodação na aprendizagem, desta forma cabe ao educador enxergar o seu estudante em todas as dimensões: motora, afetiva e cognitiva (KOCHHANN; ROCHA, 2015).

Segundo Assis, Moreira e Fornasier (2021), a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano<sup>12</sup>, de Urie Bronfenbrenner, há uma forma diferenciada para observar e estudar o desenvolvimento humano, a qual permite uma melhor compreensão sobre as condições e processos que influenciam, positiva ou negativamente, o desenvolvimento social das crianças.

Entende-se, desta forma, que o distanciamento originado com a pandemia afetou a socialização, principalmente devido às restrições no convívio social. Logo, não apenas a interação sofreu consequências, mas também a aprendizagem, pois, como afirmado por Assis, Moreira e Fornasier (2021), os processos proximais resultantes das brincadeiras, são influenciados pelas características da pessoa e do ambiente. O adulto responsável por uma criança precisa compreender a importância do brincar, especialmente enquanto processo proximal, visando estimular todos os aspectos do desenvolvimento, principalmente durante a primeira infância, ou seja, na etapa inicial da alfabetização.

Rodrigues (2019) afirma que a afetividade não é o único meio, porém, é um elemento influenciador no processo de ensino e aprendizagem. Se avaliarmos a relação professor-aluno, ela torna-se um fator determinante para a qualidade do ensino e aprendizagem, pois se houver afetividade nesta relação, o estudante conquista a empatia do professor, que pode desenvolver uma prática pedagógica direcionada para ele.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa classifica-se quanto aos objetivos e procedimentos de coleta de dados como descritiva de abordagem qualitativa. É de natureza exploratória - bibliográfica.

Gil (2022) afirma que a pesquisa descritiva busca apresentar a opinião das pessoas entrevistadas, ao identificar as possíveis relações entre as variáveis e explorar, além destas respostas, também o levantamento de dados bibliográficos, o qual é elaborado com base no material já publicado.

Portanto, propõe-se, primeiramente, uma revisão bibliográfica sobre o tema, análise documental e, no segundo momento, entrevista semiestruturada realizada com professores do primeiro ano de uma escola particular de Curitiba.

<sup>12</sup> Nesta teoria acredita-se que o desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral da criança, depende dos processos proximais, sejam estes entre uma ou mais pessoas com quem a criança interage. Na grande maioria dos casos, os pais têm relacionamentos mais importantes e significativos na vida de um indivíduo, cuja função é a socialização (ASSIS; MOREIRA; FORNASIER, 2021).

### 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para esta pesquisa foram entrevistadas duas docentes de uma escola particular de Curitiba, as quais possuem 30 e 36 anos de idade e o tempo de atuação varia entre 8 e 21 anos, respectivamente, ambas formadas em Pedagogia, uma delas possui especialização em Psicopedagogia e a outra em Alfabetização e Letramento.

De acordo com Cagliari (2008), o segredo da alfabetização antigamente resumia-se ao trabalho da leitura e cópia. Segundo as respondentes, atualmente o objetivo da alfabetização é diferente, não resume-se a simplesmente decodificar, faz-se necessário interpretar e compreender o que se escreve e lê. Portanto, estar inserido na cultura letrada é imprescindível para obter uma aprendizagem efetiva, com sentido e significado, possibilitando assim a aplicação desta nas práticas sociais diárias. Estas afirmações vão ao encontro do que Soares (2020) apresenta como letramento, quando entende que a leitura e a escrita estão sendo aplicadas nas práticas sociais.

As respondentes, concordam com Barbosa (2019), Frozza (2007) e Rodrigues (2019) ao entender a afetividade como indispensável em sala de aula. A respondente 2 destaca que a alfabetização se torna mais eficaz quando existe a relação afetiva, ressalta ainda que os estudantes se sentem mais seguros para demonstrar suas dificuldades.

Para a respondente 2 o professor é modelo e referência para os alunos, logo, precisa estar sempre atento às suas atitudes e também conhecer cada aluno na sua individualidade, identificando suas habilidades e dificuldades. Concorda, dessa forma, com Frozza (2007), ao compreender que precisa-se acolher as limitações e particularidades do estudante, para que a partir destas, criar possibilidades de convivência em sala, permitindo assim, que a turma se desenvolva de forma integral.

A respondente 1 apresenta o professor como mediador dos saberes, o qual deve contextualizá-los a partir da realidade do educando, colaborando desta forma, com a construção de uma aprendizagem significativa, essencial em todas as etapas de ensino. Com este ponto de vista concorda Barbosa (2019), o qual entende o professor como mediador, por enxergar este como responsável por possibilitar aos estudantes a apropriação dos conteúdos aprendidos, para que sejam relacionados com o seu cotidiano, corrobora com Rodrigues (2019), o qual afirma que deve ser criado um vínculo estreito com os estudantes e é notável que ambas respondentes concordam com ele, ao afirmarem que iniciam o processo se aproximando dos estudantes para posteriormente dividi-los em grupos e então oferecer apoio individualizado. Desse modo, suas propostas preocupam-se em contemplar a todos, de forma significativa e também considerar a rotina de sala de aula.

As respondentes afirmam que antes da pandemia, durante as aulas presenciais havia muita interação e diversos recursos, o que tornava mais fácil perceber o aluno, estar próximo e identificar suas habilidades e dificuldades. Enquanto, durante a pandemia, tudo se tornou mais difícil, principalmente na forma de perceber o aluno na sua individualidade e também criar aulas atrativas e menos cansativas utilizando os recursos disponíveis online, dos quais a respondente 1 afirma que eram em sua maioria visuais. Assis, Moreira e Fornasier (2021) afirmam que a interação é essencial para a aprendizagem e as respondentes concordam com ele ao informar que para a alfabetização, principalmente neste período, o apoio das famílias foi indispensável, porém, a respondente 1 destaca que em alguns casos a família realizava essa intervenção de maneira equivocada e pressionava o estudante.

No pós-pandemia, as respondentes informaram que o retorno para as salas de aula foi confuso para os estudantes devido à nova realidade. Em alguns casos, havia mais dificuldade de aprendizagem e, em praticamente todos, dificuldade de socialização e a necessidade de trabalhar habilidades sócio emocionais afetivas. Para isso, fez-se necessário um trabalho muito maior do que só os conteúdos escolares, conquistar os estudantes foi fundamental. Para realizar essa conquista dos estudantes, Rodrigues (2019) afirma que a afetividade é um dos meios, visto que é um elemento influenciador no processo de ensino e aprendizagem.

#### **4 CONTINUIDADE DA PESQUISA**

Para trabalhos futuros, sugere-se realizar uma comparação entre as escolas públicas e particulares, com maior número de respondentes e, se possível, de outras regiões. Dessa forma, obteremos opiniões sociais baseadas em diversas propostas pedagógicas e culturas nacionais, refletindo assim uma visão mais ampla sobre o tema.

Indica-se também avaliar as crianças que no período de pandemia encontravam-se na educação infantil, no formato de ensino remoto, para verificar as possíveis lacunas apresentadas devido a este isolamento. Deve-se considerar também, as crianças do 2º ano do ensino fundamental I, as quais passaram pelo 1º ano no modelo *on-line* ou híbrido e avaliar os impactos.

Entendemos que a continuidade desta pesquisa, vai oferecer novas perspectivas para a aplicação de metodologias que favoreçam os estudantes, visando assim, reduzir os possíveis danos gerados neste período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo expressa a preocupação com os possíveis impactos da afetividade sob a aprendizagem na relação professor e estudante, especialmente no processo de alfabetização, considerando também o período pandêmico.

Ao investigar a afetividade na relação entre professor e estudante no processo de alfabetização e letramento com estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, foi possível perceber que ela é essencial na prática diária e influência em diversos momentos, desde a elaboração das aulas, escolha de metodologias até mesmo no interesse do estudante em determinado assunto. E cabe ao professor buscar ter esse olhar mais afetivo em sala, demonstrando-se interessado por seus estudantes e acolhendo-os frente às dificuldades encontradas, sejam elas diretamente relacionadas à aprendizagem ou não.

Pela análise do percurso histórico da alfabetização até a contemporaneidade foi verificada a trajetória da evolução das práticas pedagógicas em prol do letramento e da alfabetização. Visando explicar a alfabetização e o letramento enquanto prática social, entende-se que a alfabetização precisa ter um sentido, uma aplicação para se tornar uma prática social, ou seja, não é apenas conhecendo letras e seus sons que o estudante estará letrado, mas sim ao entender como aplicar este conhecimento fora dos muros da escola.

Ao analisarmos o período pandêmico, onde o isolamento social se fez necessário, ficou ainda mais nítida a importância da afetividade na relação professor e estudante para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, inclusive no retorno dos estudantes para as escolas. Em um período de incertezas, os professores precisaram se reinventar e trabalhar de forma ainda mais inovadora, buscando formas de “afetar” o seu estudante positivamente.

A pesquisa mostrou que a escola é um local de interação social, a mesma oferece ao estudante o desenvolvimento de maneira mais significativa, por isso, a afetividade na relação professor e estudante torna-se primordial neste processo, pois permite que a criança sintam-se segura, autoconfiante e com maior prazer em aprender.

## REFERÊNCIAS

5 PONTOS sobre a proposta da BNCC para alfabetização. **Movimento pela Base**, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://observatorio.movimentopelabase.org.br/5-pontos-sobre-a-proposta-da-bncc-para-alfabetizacao/>. Acesso em: 06 maio 2022.

ASSIS, D. C. M.; MOREIRA, L. V. C.; FORNASIER, R. C. Teoria bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos proximais no desenvolvimento social das crianças. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e582101019263-e582101019263, 2021.

BARBOSA, A. A. Alfabetização e afetividade. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA8\\_ID1155\\_28062019142354.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA8_ID1155_28062019142354.pdf). Acesso em: 29 abr. 2022.

BELO, P. A. P.; OLIVEIRA, R. M.; SILVA, R. C. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, v. 3, n. 2, p. e323880-e323880, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3880>. Acesso em: 15 maio 2022.

BERNARDO, N. Afetividade na educação infantil: a importância do afeto para o processo de aprendizagem. **Nova Escola**, 17 jun. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17883/afetividade-na-educacao-infantil-a-importancia-do-afeto-para-o-processo-de-aprendizagem/>. Acesso em: 16 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2008.

COLELLO, S. M. G. A alfabetização em tempos de pandemia. **Convenit Internacional**, v. 35, 2021. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit35/Silvia.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., 23. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FROZZA, I. **Aprendizagem e afetividade: um encontro de sucesso na escola**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — UNOESC, Joaçaba, 2007. Disponível em: [http://www.livrosgratis.com.br/download\\_livro\\_9334/aprendizagem\\_e\\_afetividade-\\_um\\_encontro\\_de\\_sucesso\\_na\\_escola](http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_9334/aprendizagem_e_afetividade-_um_encontro_de_sucesso_na_escola). Acesso em: 02 maio 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022.

GURGEL, T. O desenho e o desenvolvimento das crianças. **Nova Escola**, 01 dez. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/121/o-desenho-e-o-desenvolvimento-das-criancas>. Acesso em: 10 nov. 2021.

KOCHHANN, A.; ROCHA, V. A. S. A Afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygostsky e Wallon. In: SEMANA DE INTEGRAÇÃO, 4.; SEMANA DE LETRAS, 13.; SEMANA DE PEDAGOGIA, 15.; SIMPÓSIO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 1., 2015, Inhumas. **Anais [...]**. Inhumas: UEG, 2015. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/5567>. Acesso em: 16 maio 2022.



MENEZES, M. A.; RAMOS, C. A. S.; RODRIGUES, V. A. C. O caráter do currículo na Base Nacional Comum Curricular e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 17, n. 2, p. 123-133, 2022. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4385>. Acesso em: 10 out. 2022.

MONARCA. In: **Michaelis**: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/monarca/>. Acesso em: 14 nov. 2021.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

QUEIROZ, M.; SOUSA, F. G. A.; PAULA, G. Q. Educação e pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/6057/5383>. Acesso em: 12 set. 2022.

RODRIGUES, M. C. N. A importância da afetividade na aprendizagem escolar na relação aluno-professor. **Infinitum**: Revista Multidisciplinar, v. 2, n. 2, p. 109-123, 2019. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/12060>. Acesso em: 15 maio 2022.

SALLA, F. O conceito de afetividade de Henri Wallon. **Nova Escola**, 01 out. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon/>. Acesso em: 16 maio 2022.

SOARES, M. **Alfabetar**: toda criança pode aprender e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SÚDITO. In: **Michaelis**: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/s%C3%BAdito/>. Acesso em: 14 nov. 2021.

## APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA PROFESSORAS DE UMA ESCOLA PARTICULAR DE CURITIBA

1. Sabe-se que inicialmente a alfabetização referia-se a compreender e ser capaz de reproduzir símbolos. Atualmente, a alfabetização permanece com os mesmos objetivos? Explique.
2. Em sua visão, o método tradicional (presente nas cartilhas) ainda é aplicado em sala de aula?
3. Sabe-se que a BNCC é um documento normativo, que visa nortear a ação docente. Em sua prática diária, ela é utilizada ou consultada? Justifique sua resposta.
4. O papel do professor é o mesmo em todas as etapas do ensino, de que forma ele influencia a turma? Cite três características ou habilidades indispensáveis para a ação docente.
5. Cientes do ensino mútuo (realizado em classes com mais de dez alunos de uma faixa etária específica), explique como você media a alfabetização dos seus alunos visando respeitar suas individualidades e garantindo a alfabetização efetiva?
6. Ao final do ano letivo, o que você julga relevante considerar para garantir que seus alunos foram alfabetizados?
7. O que você compreende por afetividade? Ela é indispensável em sala de aula durante a alfabetização?
8. Defina seu aluno e as principais dificuldades / potencialidades dele:
  - a) antes da pandemia;
  - b) durante a pandemia;
  - c) no pós-pandemia.
9. O que é letramento? Explique.
10. Segundo a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, as condições e processos influenciam, positiva ou negativamente, o desenvolvimento social das crianças. Em sua prática diária, você entende o brincar como necessário ou dispensável? Pontue com ao menos uma situação que justifique a sua resposta.